

Em meio à tensão, tempo para brincadeira

BRASILIA — “Airton, cadê meus sapatos?” Ainda sonolento, após um cochilo desconfortável em uma poltrona ao fundo do plenário, o segundo-Vice-Presidente da Mesa da Câmara, Carlos Wilson (PMDB-PE), reagia com bom humor à brincadeira do Vice-Líder do PMDB, Airton Soares (SP). Já passava das 4h30m e a sessão completava 18 horas de duração ininterrupta, quando Airton decidiu esconder os sapatos que Wilson, alheio ao tumulto, havia deixado a um canto do plenário.

— Sei que foi você. Me devolve os sapatos — reclamava o segundo-Vice-Presidente da Câmara.

Esgotados, ambos revezavam-se nos cochilos, sem prestar atenção ao empenho com que os Deputados Adail Vetorazzo (PDS-SP), Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP) e Bocayuva Cunha (PDT-RJ) procuravam “incendiar” o plenário, rompendo todas as regras regimentais num tumulto em que ninguém mais se entendia.

O Senador Marcondes Gadelha (PFL-PB), que presidia a sessão, parecia despertar em meio a um pesadelo e dirigia-se a si mesmo no microfone, para espanto de todos. Ao negar uma questão de ordem ao Deputado Adail Vetorazzo, Gadelha disse:

— Mas Senhor Presidente, a Mesa já decidiu sobre a matéria.

O pano de fundo não era menos cômico: nas últimas cadeiras, os Deputados Nelson Marchezan (PDS-RS), Tidei de Lima (PMDB-SP), Jarbas Vasconcelos (PSB-PE) e Mirtes Bevilacqua (PMDB-ES) dormiam profundamente, e o Deputado João Gilberto (PMDB-RS) esforçava-se para manter-se acordado, segurando com dificuldade o queixo. Jarbas precisou ser cutucado pelo vizinho para atender à chamada de seu nome: era hora de votar.

Após divertir-se com os sapatos de Carlos Wilson, Airton Soares passou a dedicar-se a uma tarefa mais nobre: consultava com avidez os jornais para ver a cotação de ações que investira na Bolsa de Valores.

— Ainda vou ganhar muito dinheiro — brincou.

A emenda da anistia já havia sido rejeitada, e a tensão só não diminuiu para os deputados mais aguerridos,



Um líder vitorioso e um derrotado: Prisco e Pimenta

dos, como José Genoíno (PT-SP), Bonifácio Andrada (PDS-MG) e outros. Todo o plenário ansiava pela suspensão da sessão. Genoíno e Andrada se consideravam prejudicados por uma decisão equivocada do Presidente da Mesa, Marcondes Gadelha.

Esfomeados, outros parlamentares recorriam ao Comitê de Imprensa da Câmara para arrumar alguns sanduíches. Thomaz Nonô (PFL-AL) deliciou-se com uma pizza de presunto, devorando-a como se estivesse diante de um prato de stroganoff. O Secretário-Geral do PMDB, Roberto Cardoso Alves, não deixou de notar um sanduíche escondido ao lado de uma máquina de escrever. A Mesa inovou: passou a exigir cafezinho, servidos em bandejas de prata pelos garçons do Senado. Isso porém não foi suficiente para Airton Soares, que reclamava a falta de batatinhas fritas, ironizando.

O Deputado Epitácio Cafeteira (PMDB-MA) já não encontrava forças para repetir o feito da madrugada anterior, quando determinou aos seguranças que tomassem e velassem o filme de um fotógrafo que tentava registrar o sono dos Deputados Ulysses Guimarães e Nelson Marchezan. Desta vez, não importunou os profissionais, que trabalharam à

vontade.

O Deputado Bocayuva Cunha ameaçava as bancadas do Rio de Janeiro de instalar um gigantesco painel na Cinelândia com os nomes dos que votassem contra a anistia aos militares, e dos ausentes. Quando seu nome foi chamado para votar, estava ausente. A gargalhada foi geral. Na segunda vez que teve seu nome chamado, entrou esbaforido no plenário, agarrou-se com desespero ao microfone, deu seu voto e tentou justificar a ausência arrancando novas gargalhadas.

— Senhor Presidente, estava fazendo painel que prometi — disse. — Quero a relação dos nomes dos parlamentares que votaram contra e a favor da anistia.

Em resposta, Gadelha indagou, irritado:

— Vossa Excelência, por favor, cite o artigo do Regimento que se refere ao painel do Rio de Janeiro.

O Líder do PTB na Câmara, Gastone Righi (SP), com o símbolo jainista ostentado na lapela, não perdeu a oportunidade de iniciar um comício contra o PMDB: ironizava a figura anti-regimental do Líder do Congresso, criada por Tancredo Neves, e exercida pelo Senador Fernando Henrique Cardoso. Foi vaiado e aplaudido, e também interrompido por Gadelha. Fernando Henrique, que estava no gabinete de Ulysses tentando convencê-lo a adiar a votação da anistia, entrou correndo no plenário e deu o troco:

— Vamos ganhar em São Paulo, que vai ser a resposta aos democratas de última hora.

Nas galerias, um reduzido número de militares cassados, que se confundia com os seguranças, lamentava a inutilidade da greve de fome e preparava-se para deixar o local com indisfarçável desânimo. Enquanto isso, o segurança de Ulysses Guimarães queixava-se pelos cantos do plenário:

— Querem me matar de fome (ele estava há 12 horas sem comer).

Outro segurança pedia socorro a uma taquígrafa.

— Você não tem um Melhoral aí? — Perguntou à espantada e confusa moça.

Ao final da sessão, quando a Mesa e o Deputado Bonifácio de Andrada discutiam ferozmente, o Deputado Elquisson Soares (PDT-BA), aos berros, sugeria que fossem procurar “um General para decidir a questão”, ironizando o acordo entre Ulysses Guimarães e os Ministros militares em torno da anistia.

O dia clareava quando o Senador Marcondes Gadelha se rendeu à Bonifácio de Andrada. Ele, então, apertou a campanha e encerrou a sessão.